

Mt 18,15-20 (Saber conviver na comunidade)

O capítulo 18 do Evangelho de Mateus reflete circunstâncias próprias da comunidade eclesial, portanto se situa numa época posterior à vida terrena de Jesus. Como em todo grupo social, a comunidade dos cristãos apresentava também deficiências próprias da condição humana. Certamente já se podiam encontrar diversidades provindas de mentalidades, educação, temperamentos, bem como de falhas morais ou pecados. O procedimento reflete o costume do Antigo Testamento, seja no que toca às testemunhas, seja no corte radical daquele que não quer se submeter à comunidade, expulsando-o da mesma. A mudança do “tu” para o “vós” no versículo 18 indica já que o poder de perdoar, próprio de Deus, é transmitido à comunidade eclesial, como se confirma com o texto de João dirigido aos discípulos (Jo 20,22s). Como se repetia nos primeiros séculos: a paz com a Igreja significava a paz com Deus.

Portanto todos nós devemos ser mediadores do perdão de Deus, como Jesus tanto enfatizou em sua pregação, assim na parábola do devedor implacável neste mesmo capítulo (Mt 18,23-35) e nos ensinou a rezar: “perdoai as nossas ofensas como perdoamos os que nos ofenderam” (Mt 6,12). Aqui aparece já uma condição prévia importante, seja para a correção fraterna, seja para o perdão na comunidade. Pois quem perdoa ou corrige também é necessitado de perdão ou de correção. Portanto busca-se tão somente ajudar o outro, e não julgá-lo ou humilhá-lo.

O texto em si é claro, mas se mostra de difícil aplicação em nossos dias. Pois vivemos numa sociedade pluralista com enorme diversidade de mentalidades, de valores, de verdades, que está presente também no interior da Igreja. Pois tanto a correção fraterna, como o perdão, pressupõem referências claras aceitas por todos na comunidade. E isto nós não encontramos hoje. Mesmo no interior das famílias as diversas gerações apresentam convicções e padrões de comportamento diferentes, apesar do esforço dos responsáveis em transmitir os valores em que foram educados. Como corrigir os que tranquilamente acham que estão certos, ou perdoar os que nada de mal julgam ter cometido?

O problema se agrava porque o individualismo reinante nos aconselha aceitar as diversidades, respeitar as diferentes índoies, numa palavra sermos tolerantes. Entretanto o que se passa hoje na sociedade não deve acontecer sem mais na Igreja. Pois se estamos na Igreja, somos membros do Povo de Deus, somos cristãos devido a uma *opção livre* de fé, fé da comunidade eclesial, fé que deve se manter a mesma na diversidade dos membros, pois unidade não significa uniformidade. Entretanto trata-se da *mesma fé* que abrange verdades e valores inegociáveis e, portanto, que implica também lealdade e amor à Igreja.

Esta atual diversidade se manifesta também na própria hierarquia da Igreja num momento crítico de sua história. As rápidas e sucessivas transformações socioculturais atuais representam sério desafio para uma instituição cuja finalidade é evangelizar a sociedade. Daí a urgência da reforma em sua linguagem, celebrações, práticas pastorais, reforma já iniciada com o Concílio Vaticano II e retomada com força pelo Papa Francisco. Nada de novo para quem conhece a história da Igreja, mas que encontra hesitações e resistências, interessadas ou não, da parte de muitas autoridades eclesiásticas. Até a denúncia de desmandos de autoridades civis não consegue reunir a maioria dos bispos brasileiros apesar da fundamentação claramente evangélica e não política.

Estamos num impasse? Certamente não, pois a Igreja do primeiro milênio aceitava tranquilamente a diversidade presente nas Igrejas de cada região, com práticas, ritos e enunciados doutrinais diversos, na comunhão da mesma fé e na unidade da mesma Igreja. Tudo fundamentado no mesmo amor à Igreja, no mesmo *sentir com a Igreja*, que sempre deve preceder as inevitáveis diversidades.

Não se pode negar que a reforma da Igreja empreendida pelo Papa Francisco se fundamenta sem mais no Evangelho. Naturalmente como toda reforma implica mudanças, perdas de poder, de vantagens, de hábitos adquiridos, ela acaba provocando resistências e mesmo agressividades da parte de alguns. Basta ver a vida de Francisco de Assis, de Teresa d'Ávila, de João da Cruz, para não se surpreender com o que o papa vem sofrendo da parte de certos membros da Igreja, até com espanto dos não cristãos que o admiram pelo seu testemunho de vida.

O Evangelho nos pede compreensão e acolhimento dos que são diferentes, correção se for possível e, sobretudo, perdão fraternal já que Deus sempre nos perdoa. Mas também amor à Igreja, nossa mãe e mestra, bem como lealdade ao papa que tem o difícil ônus de dirigir a barca de Pedro nas ondas tempestuosas da atual crise mundial. Rezemos por ele, como ele próprio frequentemente nos pede.

MFM